

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT11.039

PRODUÇÃO DE LIVROS DIFERENCIADOS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS¹

Marta Coelho Castro Troquez²
Noêmia dos Santos Pereira Moura³

RESUMO

A Constituição Federal de 1988 assegura aos povos indígenas o uso de suas línguas e culturas na escola. Contudo, a escassez de material diferenciado, com conhecimentos produzidos nas línguas indígenas ou a partir delas e que contemplem as histórias, os modos de interagir com o meio ambiente, as criações artísticas e culturais destes povos, é constantemente denunciada. Neste contexto, desenvolvemos, desde 2022, o projeto “língua e cultura Kaiowá e Guarani no contexto escolar: produção de livros diferenciados para as escolas indígenas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo objetivo principal é: reunir e ampliar o material existente nas e sobre as línguas Guarani e Kaiowá. Neste artigo, discutimos, através de nosso percurso no projeto, aprendizados e resultados em torno da construção de materiais em língua e cultura indígena. A metodologia empregada se orienta pelos pressupostos qualitativos da pesquisa-ação, entendida como processo formativo, no sentido de criar novas possibilidades de aprendizado para todas as partes envolvidas. A realização do projeto busca responder a demandas da educação diferenciada para indígenas, como garantido na legislação educacional do país no que diz respeito à produção de materiais diferenciados para as escolas indígenas; também resulta na expansão de conhecimentos

1 O trabalho apresenta resultados do projeto de pesquisa intitulado “Língua e cultura Kaiowá e Guarani no contexto escolar: produção de livros diferenciados para as escolas indígenas” (2022 a 2025), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa foi submetida e aprovada no comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CEP/ CONEP), via Plataforma Brasil.

2 Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, martatroquez@gmail.com; martatroquez@ufgd.edu.br;

3 Professora Associada da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, noemiamoura@ufgd.edu.br;

sobre as/das e/ou nas línguas e culturas indígenas. Como processo formador, possibilita aos/as envolvidos/as a ampliação e a aquisição de novos conhecimentos e a consolidação de um grupo interdisciplinar para prosseguimento em trabalhos futuros que trarão contribuições à área da Educação, mais especificamente, à Educação Escolar Indígena.

Palavras-chave: Língua indígena, Cultura indígena, Escola indígena, Material escolar diferenciado, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Os projetos de educação escolar para os povos originários/indígenas no Brasil, desde seu início, foram marcados por processos de integração e de homogeneização linguística e cultural. Estes processos foram resultados da colonialidade que se instaurou a partir da conquista europeia e que levou à subjugação de corpos, saberes, línguas e culturas dos povos originários (Troquez; Nascimento, 2020; Lima; Troquez, 2024).

Foi uma longa história de subjugação, assimilação e imposição cultural e linguística para os povos indígenas em escolas orientadas por lógicas coloniais sem respeito a suas histórias, saberes línguas e culturas.

A Constituição Federal de 1988 inaugurou o rompimento com este paradigma colonial e assimilacionista e assegurou aos indígenas o uso de suas línguas e o desenvolvimento de suas culturas na escola. A partir das garantias constitucionais, instaurou-se o direito à educação comunitária, específica, diferenciada, intercultural e bilíngue e/ou multilíngue para os povos indígenas.

A legislação educacional brasileira amparou a criação de escolas indígenas específicas, a formação de professores indígenas em cursos específicos e a elaboração de livros e materiais didáticos específicos e diferenciados a partir das línguas e culturas (Troquez, 2012; 2019).

Nas décadas que se seguiram, foram criados cursos de formação específica de professores indígenas em diversas áreas do país e uma de suas atribuições consistiu e ainda consiste em possibilitar a produção de materiais diferenciados para as escolas indígenas.

Por meio da Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013, o MEC instituiu a Ação Saberes Indígenas na Escola e a regulamentou através da Portaria nº 98, de 6 de dezembro de 2013. A ação tinha, e ainda tem, como objetivos: promover a formação continuada de professores, oferecer recursos didáticos e pedagógicos diferenciados, oferecer subsídios à elaboração de currículos e práticas pedagógicas, estimular “pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena” (BRASIL, 2013).

Desde 2013, os professores indígenas, em colaboração com as universidades e assessores, vêm elaborando materiais diferenciados para suas escolas.

Contudo, este processo é lento, pois nem sempre há recursos para impressão e publicação dos materiais produzidos.

A escassez de material diferenciado com conhecimentos produzidos nas línguas indígenas ou a partir delas e que contemplem as histórias, os modos de interagir com o meio ambiente, as criações artísticas e culturais das dos diferentes povos indígenas é constantemente denunciada (Lima, 2024).

É, pois, importante reunir e ampliar o material já existente, disponibilizá-lo a docentes e estudantes indígenas e não indígenas. Neste contexto, desenvolvemos, desde 2022, o projeto “língua e cultura Kaiowá e Guarani no contexto escolar: produção de livros diferenciados para as escolas indígenas”, cujo objetivo principal foi/é: reunir e ampliar o material existente nas e sobre as línguas Guarani e Kaiowá.

A língua Kaiowá é estudada faz mais de 60 anos por integrantes do Instituto Linguístico de Verão com o objetivo de traduzir a Bíblia nessa língua, mas só em registros esporádicos nos anos 1940 e 1950 ela foi objeto de estudo e tradução com valor em si; ou seja, só nesses poucos registros a língua é apreciada como expressão cultural do povo que a fala, e não de modo instrumental, para atender interesses externos à língua e à comunidade.

Como em outras línguas indígenas, a língua kaiowá é uma língua muito rica em tradição oral. Nela constam diversos gêneros de cantos, rezas, provérbios, fábulas, mitos de origem, palavras que curam, relatos míticos, histórias de vida de líderes presentes na memória das comunidades, conselhos, entre outros.

As pessoas que detém esse conhecimento linguístico e literário são pessoas física e espiritualmente mais maduras, a maioria em idade avançada. Estas pessoas estão vivendo um crescente desprestígio em suas comunidades, onde novos líderes começam a “suplantar lhes”, seja no campo da saúde (enfermeiros, médicos e agentes), da educação (docentes e acadêmicos), da política (vereadores ou representantes de políticos dos municípios, novos líderes fluentes no português), na religião (pastores, missionários) entre outros.

Em geral há pouca relação entre as novas gerações de kaiowá letradas e as gerações mais velhas de sábios e sábias analfabetos (CHAMORRO, 2021). A situação se agrava, pois, embora a língua kaiowá seja falada pela maioria das crianças, seu uso está restrito ao contexto familiar. Por isso ela é considerada uma língua vulnerável pela UNESCO (CHAMORRO; MARTINS, 2015, p. 735). Isto se agrava ainda mais porque a relação entre a geração dos avós e das avós se fragiliza consideravelmente com o avanço do processo civilizatório sobre as

áreas indígenas. Vive-se nessas comunidades uma crise linguística geracional muito séria.

Recentemente, o pesquisador Kaiowá Eliel Benites, que atua no Ministério dos Povos Originários como diretor do Departamento de Línguas e Memórias Indígenas, evidenciou que um idioma vai além da comunicação e da troca de informações e “precisa ser interpretado como o canal de símbolos e signos, que possibilitam a inserção de uma lógica e uma cosmovisão.”, pois implica na formação da subjetividade e no vínculo de pertencimento da pessoa ao seu grupo societário (citado por Monitoramento, 2024, s/n).

Segundo Altaci Kokama (citada por Monitoramento, 2024, s/n.), coordenadora-geral de Articulação de Políticas Educacionais Indígenas do MPI e primeira professora universitária indígena da Universidade de Brasília (UnB), as línguas indígenas vinculadas a seus ancestrais “são repositórios de saberes, mantém a floresta em pé e os rios limpos diante da crise climática.” Para esta indígena, a Década da Línguas Indígenas “faz compreender a dimensão real dos idiomas indígenas. Dá voz aos povos indígenas ao expressarem conceitos sobre suas próprias línguas e epistemologias indígenas”.

Podemos dizer que a língua Kaiowá é uma língua em perigo. A língua portuguesa é a língua mais forte nas escolas, por onde passam “quase” todas as crianças Kaiowá e Guarani. Se bem-sucedidas escolarmente, essas crianças, muito provavelmente, fortalecerão mais o uso da língua portuguesa do que da sua língua indígena.

Neste contexto, propomos o projeto. Com a intenção de contribuir para o fortalecimento do uso das línguas Kaiowá e Guarani a partir da reunião de material impresso e digital existente em e sobre essas línguas e suas culturas e, também, nos propusemos a produzir registros dos saberes indígenas em livros temáticos a serem impressos e colocados em suporte digital para uso nas escolas.

Estamos na década internacional das línguas indígenas. O estado de MS possui a terceira maior população indígena do país, em torno de 116.346 pessoas e distintas formas de assentamentos indígenas (IBGE, 2022). A Reserva Indígena de Dourados é uma das mais numerosas do estado e sua maior população é Kaiowá e Guarani (TROQUEZ, 2019a).

O município de Dourados é marcado por distintas formas de assentamentos indígenas. Na perspectiva antropológica, a composição dos territórios indígenas se divide em uma reserva, Terra Indígena/Reserva Federal Francisco Horta Barbosa, popularmente reconhecida como Reserva de Dourados, que

foi criada em 1917; uma Terra Indígena/Retomada Panambizinho, que foi conquistada pelos indígenas Kaiowá e totalmente desintrusada no ano de 2004 em favor das famílias Kaiowá; e, várias retomadas, que estão em litígio ou ainda não foram registradas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Na Reserva de Dourados (RID) tem seis escolas indígenas para atender uma população multiétnica de mais de dezesseis mil pessoas. Logo se percebe que as escolas não atendem toda a população assentada. A RID subdivide-se em duas aldeias. Na Aldeia

Jaguapiru, estão localizadas as escolas municipais indígenas – Ramão Martins, Tengatuí, Lakuí Roque Isnardi, a Francisco Meireles (a “Escola da Missão Caiuá” escola conveniada entre prefeitura e Missão) e a Escola Estadual Indígena de Ensino Integral Guateka “Marçal de Souza”. Na Aldeia Bororó, estão as escolas municipais indígenas Agostinho e Araporã.

Essas instituições passaram a situação de Escolas Indígenas, após a criação da modalidade de Educação Escolar Indígena pelo Ministério da Educação (MEC) e a inclusão desta modalidade na legislação educacional do estado de Mato Grosso do Sul (MS) em 2002.

As leis do país garantem o direito ao ensino diferenciado e nas línguas indígenas nas escolas indígenas, contudo, há pouquíssimos materiais disponíveis nas línguas das populações da RID (TROQUEZ, 2012; 2019b; TROQUEZ; NASCIMENTO, 2020) e estes estão espalhados em instituições ou arquivos pessoais.

Procuramos, com o projeto, reunir e desenvolver o material existente em e sobre as línguas Kaiowá e Guarani e lançar as bases para uma Biblioteca do conhecimento em torno destas línguas e culturas. Desta forma, nossos objetivos tem sido:

- **Objetivo geral:** Reunir e ampliar o material existente nas e sobre as línguas Guarani e Kaiowá, disponibilizá-lo a docentes e estudantes indígenas e não indígenas.
- **Objetivos específicos:** Lançar as bases para uma Biblioteca do conhecimento produzido pelas comunidades falantes dessas línguas ou mediante sua colaboração; produzir registros dos saberes indígenas em livros temáticos a serem impressos e em suporte digital, para uso nas escolas.

A seguir, apresentamos a metodologia do desenvolvimento do projeto.

METODOLOGIA

Trata-se de abordagem qualitativa com recurso a técnicas de busca bibliográfica e de análise, documental. Enquanto pesquisa-ação, valoriza o processo e os aprendizados dos sujeitos envolvidos.

As estratégias para atingir os objetivos são:

1. A aquisição on-line e/ou pessoal de materiais já existentes, e listados por integrantes da equipe, em livrarias, arquivos e repositórios institucionais, mobilizando para tal nossas redes sociais e grupos de pesquisas;
2. A realização, a partir de uma equipe interdisciplinar de docentes e estudantes pesquisadores e pesquisadoras, de um trabalho colaborativo na forma de oficinas temáticas das línguas indígenas em foco, para a partir delas, imergir nas profundezas do conhecimento elaborado por esses povos;
3. A criação de novos materiais, sobretudo livros, vídeos e podcasts, a partir dessa experiência intercultural de imersão, reconhecimento e respeito da diversidade.

A metodologia empregada tem se orientado pelos pressupostos qualitativos da pesquisa-ação, entendida como processo formativo, no sentido de criar novas possibilidades de aprendizado para todas as partes envolvidas (Fagundes, 2016; Pimenta, 2005).

O projeto articula estudos, pesquisas e projetos de extensão com realização de oficinas semanais ou quinzenais para a produção dos livros/materiais diferenciados. Também, realizamos reuniões e oficinas com a equipe para planejar ações pontuais, discutir avanços, entraves e estratégias para superação de obstáculos.

O desenvolvimento das ações específicas, como trabalhos de escrita, produção e tradução conta com colaboração de professores indígenas falantes da língua e de uma professora que domina bem a língua kaiowá, entre outros professores e colaboradores das escolas indígenas. Contamos também com especialistas externos para orientações pontuais, quando necessário.

O projeto articula uma equipe interdisciplinar com pesquisadores da Educação, Antropologia, História, Geografia, Letras, Licenciatura Intercultural Indígena, professores indígenas e acadêmicos/as da Universidade Federal da Grande dourados (UFGD).

Além dos/as docentes doutores/as, pesquisadores/as, o projeto conta com um/uma bolsista de iniciação científica e um/uma bolsista de apoio técnico. Estas bolsas foram destinadas no decorrer do projeto a diferentes acadêmicos e especialistas.

A bolsa de iniciação científica tem sido destinada a acadêmicos para realizarem o plano de trabalho da iniciação científica atrelado ao projeto principal, no sentido de cooperar com as atividades de pesquisa, análise, sistematização e produção de materiais diferenciados relacionadas aos objetivos do projeto a que está vinculado.

A bolsa de apoio técnico foi destinada inicialmente a uma professora indígena Kaiowá, mestre em educação, para nos auxiliar em processos de identificação de materiais nas línguas Kaiowá e Guarani e em processos de tradução. No momento (2024), a bolsa está destinada a um linguista, doutor, especialista em dicionários indígenas, pois estamos construindo dicionários escolares na língua Kaiowá e este suporte é necessário.

Há professores na equipe de três instituições diferentes, além da UFGD, instituição que sedia o projeto. Também contamos com a colaboração de professores e escolas indígenas, com as quais já contamos em nossas pesquisas e trabalhos de extensão universitária.

Na execução temos: um literato da língua guarani e kaiowá, uma antropóloga falante do guarani e estudiosa do kaiowá. Temos educadoras, geógrafa e historiadora com longa experiência na educação escolar indígena, também especialistas em alfabetização e letramento.

Entre as pessoas que colaboram e prestam assessoria ao projeto contamos com uma mestra falante de kaiowá, com produção literária e longa experiência de tradução, temos docentes kaiowá e guarani também falantes da língua que estão em contato com as pessoas mais velhas do seu povo, a saber, as mestras e os mestres tradicionais com os seus saberes/epistemologias/culturas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito da pesquisa-ação foi fortalecer os laços colaborativos e os aprendizados entre a equipe de pesquisadores e os docentes indígenas da Educação Escolar Indígena das escolas envolvidas.

Buscamos, concomitantemente ao processo de busca por materiais e produção de novos materiais, o fortalecimento dos processos de educação escolar diferenciada política pública para os povos indígenas no estado de MS; integramos ao projeto a investigação dos processos de educação escolar indígena nas escolas indígenas de Dourados voltados à produção de livros/materiais diferenciados nos cursos de formação de professores indígenas Normal Médio Intercultural – *Ára Verá* (Tempo/Espaço Iluminado) e na Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu* (Viver com Sabedoria).

As universidades e seus coletivos não podem se furtar da tarefa de desenvolvimento de materiais diferenciados para as escolas indígenas nos territórios educacionais no Mato Grosso do Sul, uma demanda constantemente levantada pelo Fórum Nacional da Educação Escolar Indígena. Também, não podemos nos dobrar diante da diminuição dos recursos orçamentários para as políticas de formação, os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos por pesquisadores indígenas e não indígenas.

O projeto que desenvolvemos desde o ano de 2022 é mais uma iniciativa para manter e estreitar o canal de diálogo com as escolas indígenas no Mato Grosso do Sul, com os cursos de formação intercultural de professores indígenas e com o movimento social indígena.

É necessário ressaltar que os cursos de extensão, formação continuada e a continuidade da formação em nível de pós-graduação dos professores e professoras criou e continua criando interlocuções potentes na academia que resultam em dissertações, teses, artigos e capítulos de livros que colocam em circulação os conhecimentos e procedimentos teórico-metodológicos de uma nova geração de pesquisadores/as indígenas estreitamente vinculados/as com seus territórios tradicionais.

Para Moura e Militão (2021), as elaborações teórico-metodológicas produzidas pela intelectualidade indígena avaliam o processo de luta de seus povos pela recuperação dos territórios tradicionais (*tekoha*) e pela apropriação e resignificação da escola, entre outras pautas. Os pesquisadores e pesquisadoras se colocam em suas dissertações e teses, trazendo sua trajetória de vida, tanto

na educação indígena, quanto na educação escolar indígena. Naquelas que investigam a educação escolar indígena, apresentam o marco divisor da escolarização determinada e civilizadora e da escolarização autodeterminada, que se estabelece dentro do paradigma da interculturalidade crítica, na perspectiva da decolonialidade do ser, do poder e do saber (Moura; Militão, 2021)

Nossa pretensão foi e é, em coautoria com professores e professoras indígenas, elaborar mais materiais didáticos específicos e interculturais para o fortalecimento de currículos diferenciados nas escolas indígenas. A inovação é que boa parte desse material está sendo produzido na língua materna dos professores e de suas turmas.

No interior das escolas indígenas de Dourados, constituiu-se um corpo docente bem diversificado. Uma parte foi formada em cursos interculturais e específicos e a outra, que concentra um número maior de educadores/as, foi habilitada em cursos tidos como universais, pois são frequentados por qualquer pessoa que esteja legalmente no território brasileiro. Isso gera, internamente às escolas, uma disputa pelo currículo que será implementado e fortalecido. Além disso, as reservas federais e as terras indígenas são compostas por parentelas que foram diversamente construídas sociopoliticamente. A diversidade se expressa inclusive na definição de qual escola desejam para a educação escolar das crianças, jovens e adultos e qual proposta político pedagógica curricular querem implementar no âmbito dos territórios indígenas.

Os currículos das escolas indígenas de Dourados são territórios em disputas, mesmo que a maioria dos profissionais em educação sejam indígenas Kaiowá, Guarani (Guarani ñandewa), Terena ou “guateka” (resultante dos casamentos interétnicos).

Buscamos com o projeto em tela desenvolver ações e atividades de pesquisa, ensino e extensão nas escolas indígenas e a produção de materiais didáticos nas línguas maternas:

- Outros projetos de pesquisa, que estão em andamento, se somaram a este ou se desdobraram deste, com objetivo de: catalogar, digitalizar e disponibilizar para as escolas envolvidas o material pedagógico pronto e disponível; dialogar e levantar as demandas das escolas indígenas por material didático específico e bilingue, através da metodologia da pesquisa-ação e de oficinas/cursos nas quais se propõe a elaboração de material pedagógico;

- Projetos de Mestrado e Iniciação Científica (PIBICs) orientados por pesquisadores/as doutores vinculados ao projeto, foram e estão sendo desenvolvidos na UFG, com trabalhos apresentados em eventos acadêmicos;
- O projeto de extensão “O lugar da literatura e da tradução nas escolas indígenas”, foi realizado em 2022, na UFGD, com a presença de professores colaboradores de instituições parceiras e ampla participação de professores indígenas, com oficinas de produção de atividades escolares diferenciadas;
- O projeto de extensão “Línguas e culturas no contexto das escolas indígenas no TEE Cone Sul (ODS 4)”, foi realizado em 2023, com o objetivo de abrigar as oficinas de produção de materiais do projeto, possibilitar a participação de docentes indígenas e sua certificação. O mesmo projeto foi replicado em 2024 com o mesmo objetivo;
- Em 2023, realizamos o evento: “Semana de atividades sobre/para ‘dicionário escolar Kaiowá’” para dar abertura aos trabalhos com o dicionário escolar na língua Kaiowá. Trabalhos que estamos desenvolvendo até o presente momento.

A construção dos dicionários escolares na língua Kaiowá tem sido um dos produtos do projeto em andamento. Trata-se de três dicionários escolares voltados ao público infantil. Sendo construídos, primeiramente e totalmente, a partir da língua indígena e, posteriormente, é feita a tradução para a língua portuguesa. É um processo fantástico de trabalho em equipe que reúne pesquisadoras e docentes indígenas falantes da língua Kaiowá. Coordenado pela experiente professora Dra. Cândida Graciela Chamorro, pesquisadora e conhecedora da língua, e assessorado pelo apoio técnico professor Dr. Jorge Domingues Lopes.

Estamos para fazer, ainda em 2024, o lançamento do primeiro dicionário escolar (1) que articula desenho e palavra Kaiowá. Os outros dois (2 e 3), articulam palavra Kaiowá e explicações em Kaiowá. O dicionário 2 traz a explicação da palavra (nome ou ação) de forma mais simples; já o dicionário 3 amplia os significados e traz exemplos de uso da palavra. Tudo a partir da língua Kaiowá.

As oficinas para a produção dos dicionários Kaiowá são sempre muito produtivas e envoltas a muitos aprendizados tanto para as pesquisadoras como para os/as indígenas envolvidos/as. Estes aprendizados dizem respeito a aspectos culturais e linguísticos, pois a língua, assim como as culturas são dinâmicas e vão

se transformando e se reinventando através de novas construções, empréstimos e reelaborações.

O projeto está vinculado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – Educação de Qualidade (ODS 4) e a equipe executora está comprometida com o diálogo entre os conhecimentos da academia e dos povos envolvidos, sobretudo, no que diz respeito à vivência da língua indígena nos territórios indígenas atentando para os reclames da Década das Línguas Indígenas.

Outro produto em andamento é um livro didático de literatura que poderá ser usado pelas séries finais do ensino fundamental e ensino médio. Trata-se de um tipo de “lição de coisas”, voltado a temáticas fundantes da vida e organização social Kaiowá. Construímos diálogos interconectados com textos das produções de materiais diferenciados realizadas por pesquisadores indígenas, não indígenas e professores indígenas: literários, informativos, poéticos, entre outros. Propomos atividades pedagógicas ao longo do livro. Trata-se de livro bilíngue. Escrito em português com uso de textos, palavras e expressões na língua indígena. A produção deste livro conta com a organização do professor de literatura Dr. Adalberto Müller e fazemos discussões do material e das questões em construção coletiva com um grupo de docentes indígenas e não indígenas.

Há outra proposta em andamento que é a construção de um livro didático sobre a história da Reserva Indígena de Dourados (RID), com a possibilidade da construção de um mapa interativo.

O projeto inseriu-se na esteira de um trabalho que parte da equipe já realizava com os Kaiowá na produção de um dicionário Kaiowá-Português (Chamorro, 2023), o qual foi concluído no âmbito do projeto e já está em circulação e em uso nas instituições de ensino e pesquisa, nas escolas indígenas e está sendo útil na composição dos dicionários escolares ilustrados.

Uma coleção desse material impresso e digital existente nas e sobre as línguas Kaiowá e Guarani e suas culturas, lançará as bases para uma Biblioteca do conhecimento produzido pelas comunidades falantes dessas línguas ou mediante sua colaboração. Isto está em andamento.

No projeto inicial, havia a intenção de produzirmos vários livros temáticos/pilotos, nas seguintes áreas: 1 dicionário escolar Kaiowá-Português ilustrado, 1 gramática Kaiowá, 1 livro de ciências naturais/geografia, 1 livro de história, 1 livro de literatura indígena, 1 livro sobre o ser humano. Contudo, as discussões da equipe foram na direção de não fragmentar muito os saberes e tentarmos fazer um material mais integrado tipo um almanaque ou livro de “lição de coisas”

que aponte para temas importantes na cultura do povo e da língua contemplados. O que está sendo contemplado no livro didático de literatura.

A realização deste projeto procura responder a demandas da educação diferenciada para indígenas, como garantido na legislação educacional do país e permite a continuidade às investigações sobre produção de materiais diferenciados para as escolas indígenas e a expansão de conhecimentos sobre as/das e/ou nas línguas e culturas indígenas (MARTINS; CHAMORRO, 2015; 2021; KNAPP, 2016; MOTA; CAVALCANTE, 2019). Como processo formador, tem possibilitado aos envolvidos a ampliação e a aquisição de novos conhecimentos e a consolidação de um grupo interdisciplinar para prosseguimento em trabalhos futuros que trarão contribuições à área da Educação, mais especificamente, à Educação Escolar Indígena.

Imediatamente após a conclusão do projeto, prevista para o primeiro semestre de 2025, os resultados poderão ser aplicados para solução de um problema prático que é o uso dos materiais nas escolas e demais instituições de ensino e pesquisa. Alguns produtos já estão em uso pelos docentes, como o dicionário Kaiowá-Português.

Como resultados, ainda, é possível apontar: a busca, seleção e organização de bibliografias para compor acervo digital e físico sobre línguas e culturas de povos indígenas Guarani, Kaiowá e outros povos (foram encontrados e classificados 244 trabalhos); a aquisição de diferentes conhecimentos/saberes em torno das línguas e culturas dos povos em questão, seja por meio dos sites visitados e/ou textos, seja com a equipe de pesquisadores indígenas e não indígenas envolvidos no projeto nas diversas reuniões e atividades já realizadas no período 2022 a 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos nesta etapa do projeto, fica evidente:

1. a escassez e a necessidade da produção de materiais diferenciados para as escolas indígenas;
2. a complexidade e a grandeza do desafio à frente para os pesquisadores e equipe envolvidos com esta tarefa, pois esta demanda saberes específicos sobre os povos, as línguas e as culturas em questão; saberes sobre produção de materiais escolares (livros didáticos, dicionário escolar);

- habilidades para estabelecer parcerias/assessorias, para envolver os docentes indígenas e para conhecer suas necessidades e/ou demandas escolares;
3. A riqueza da língua Kaiowá e as inúmeras possibilidades de trabalhos que podem ser realizadas em torno desta língua;
 4. A potencialidade do trabalho em equipe e a riqueza de possibilidades que um trabalho colaborativo proporciona no sentido de produção, reorganização, tradução, revisão, escritas e reescritas; tudo lindo. Como diz o Kaiowá “iporã”;
 5. Sobretudo, que nós podemos fazer, quando nos dispomos no caminho para tal, pois, ao iniciar este projeto, muitas foram as indagações, as incertezas e inseguranças, contudo, no momento que estamos vislumbrando resultados positivos, temos esta constatação.

A incursão nas escolas indígenas de Dourados e a realização deste projeto tem suscitado muitas indagações: Mas a quem interessa um material didático bilíngue nas escolas indígenas do Território Etnoeducacional Cone Sul, no Mato Grosso do Sul? Qual é a importância de ter uma formação intercultural e específica, nos cursos de formação de professores e professoras indígenas, que buscam fortalecer a língua vivida no interior das casas das suas famílias, quando a língua circundante e hegemônica na cidade e no campo em grande parte do município é o português? Qual é a intenção pedagógica dos professores e professoras indígenas ao utilizar ou não os materiais da Ação Saberes Indígenas e dos demais projetos que se propõem a colocar em evidência a língua materna, tal como o que estamos apresentando nesse capítulo?

Pretendemos que os resultados e conhecimentos produzidos sejam divulgados em eventos e publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais e, acima de tudo, que os produtos decorrentes do projeto, os livros e materiais diferenciados (dicionários escolares, livro de literatura, repositório digital), sejam úteis às escolas indígenas e não indígenas e aos pesquisadores. Que deem uma contribuição para atender aos questionamentos e às demandas por materiais diferenciados e/ou bilíngues.

Que contribua também para a disseminação das línguas e culturas Kaiowá e Guaraní em espaços não indígenas e possibilite a interculturalidade.

Os arquivos digitais decorrentes do projeto deverão ser disponibilizados no portal virtual da UFGD e divulgados pelas redes sociais dos diferentes atores envolvidos no projeto e em suas instituições, laboratórios e grupos de pesquisas.

A própria reunião dos registros sobre e nas línguas e a produção dos novos livros são atos para democratizar o bem cultural maior da população indígena em MS, a terceira maior população indígena no Brasil.

Esperamos contribuir com a expansão e produção de conhecimentos nas e sobre as línguas e culturas indígenas Kaiowá e Guarani e com a constituição de um acervo de materiais úteis à processos de ensino e pesquisa.

Ainda, a produção de materiais nas línguas indígenas fomenta o reconhecimento das pessoas mais velhas, artesãs da linguagem e permite aos profissionais do ensino e da pesquisa, indígenas e não indígenas, conhecer e trabalhar dentro de paradigmas que levem em conta as especificidades desses grupos.

Num contexto de escassez, esperamos que os produtos de nosso projeto sejam rizomáticos, que brotem como flores nas rochas, que floresçam e deem frutos. Que venham outros. Outras pesquisas, outros projetos. Que outras pessoas se animem na mesma direção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/SECADI. **Portaria nº. 98, de 6 de dezembro de 2013**. Brasília, DOU de 09/12/2013, nº 238, Seção 1, pág. 28.

CHAMORRO, Graciela. **Dicionário Kaiowá-Português**. Belo Horizonte: Javali, 2023.

FAGUNDES, T. B. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. v. 21 n. 65 abr.-jun. 2016.

LIMA, Rafaela Bayerl de. **Materiais didáticos para alfabetização nas escolas indígenas da cidade de Dourados – MS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação mestrado e doutorado em educação, Faculdade de Educação, UFGD, 2024.

LIMA, Rafaela Bayerl de; TROQUEZ, Marta Coelho Castro. Por uma educação escolar indígena decolonial. **Inter-Ação**, Goiânia, v.49, n.2, p. 1429-1445, maio/

ago. 2024. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v49i2.79512>>. Acesso em: 25 out. 2024.

KNAPP, Cássio. **O ensino bilíngue e educação escolar indígena para os Guarani e Kaiowá de MS**. Dourados: Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; CHAMORRO, Graciela. Diversidade linguística em Mato Grosso do Sul. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÊS, Isabelle (Orgs.). **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: História, Cultura, Transformações Sociais**. Dourados: Editora da UFGD, 2015, p. 729-744.

MARTINS, Andérbio; CHAMORRO, Graciela. Tekoha: notas linguísticas sobre o termo. In: IORIS, Antonio A. R.; PEREIRA, Levi Marques; GOETTERT, Jones Dari (Orgs.). **Guarani e Kaiowá: modos de existir e produzir territórios**. Vol.II. Curitiba: Appris, 2021. 14 p.

MONITORAMENTO. **MPI**: Resgatar e preservar: línguas indígenas são repositórios de saberes ancestrais. Publicado em 09/08/2024. Fonte: <<https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/08/resgatar-e-preservar/-linguas-indigenas-sao-repositorios-de-saberes-ancestrais>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. (Org.). **Reserva Indígena de Dourados Histórias e Desafios Contemporâneos**. 1ed.São Leopoldo: Editora Karywa, 2019a. p. 43-58.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira; MILITÃO, Andréia Nunes. A inserção dos egressos da Licenciatura Intercultural Indígena Teko arandu nas escolas do Território Etnoeducacional Cone Sul. In: IORIS, Antonio A. R.; PEREIRA, Levi Marques; GOETTERT, Jones Dari (Orgs.). **Guarani e Kaiowá: modos de existir e produzir territórios**. Vol.I. Curitiba: Appris, 2021. 14 p.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005, p.15-34.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. Reserva Indígena de Dourados (1917-2017): Composição Multiétnica, Apropriações Culturais e Desafios da Subsistência. In: MOTA, Juliana Grasiéli Bueno; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. (Org.).

Reserva Indígena de Dourados Histórias e Desafios Contemporâneos. 1ed. São Leopoldo: Editora Karywa, 2019a. p. 43-58.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. Currículo e materiais didáticos para a educação escolar indígena no Brasil. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.9, n.25, p. 208-221, jan./abr. 2019b. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/11102>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

TROQUEZ, M. C. C. **Documentos curriculares para a educação escolar indígena:** da prescrição às possibilidades da diferenciação. 2012. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – UFMS, Campo Grande, 2012. Disponível em: <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/4310>>. Acesso em: 7 jun. 2023.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro; NASCIMENTO, Adir Casaro. (Des)colonização, interculturalidade crítica e escola indígena na contemporaneidade. **Educação Unisinos**, v. 24, 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.15/60747811>>. Acesso em: 30 nov. 2021.